

## A “MODA TYROLEZA” DE SOPHIA JOBIM

*Sophia Jobim’s “Tirolesa Fashion”*

MADSON OLIVEIRA; Doutor em Design;  
Escola de Belas Artes-EBA/UFRJ; madsonluis@yahoo.com.br<sup>1</sup>

**Resumo:** Sophia Jobim teve múltiplas atividades profissionais, todas ligadas ao estudo da indumentária, como: professora, pesquisadora, colecionadora, figurinista e jornalista. É dessa última prática que apresentamos o ponto central de nosso texto, quando identificamos a criação de modelos exclusivos de moda para o jornal “Revista da Semana”, tendo como inspiração o costume do povo do Tirol, região da Europa central.

**Palavras chave:** Moda; Trajes regionais; Sophia Jobim.

**Abstract:** Sophia Jobim had multiple professional activities, all linked to the study of clothing, such as: teacher, researcher, collector, costume designer and journalist. It is from this last practice that we present the central point of our text when we identify the creation of exclusive fashion models for the journal Revista da Semana, inspired by the custom of the Tyrolean people of Central Europe.

**Keywords:** Fashion; Regional costumes; Sophia Jobim.

### Introdução

Sophia Jobim (1904-1968) teve papel fundamental no ensino de indumentária na antiga Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, mas teve outras tantas atuações em áreas sempre ligadas à indumentária, à moda, às artes, ao figurino.

Mas, nosso foco nessa apresentação é a análise de quatro modelos criados por Sophia – a “Moda Tyroleza” – para o suplemento do “Jornal do Brasil”, intitulado de “Revista da Semana”, em 1936.

Em nossas pesquisas sobre Sophia Jobim, descobrimos que ela colaborou com mais dois outros periódicos cariocas – “Diário Carioca” e “A Noite Ilustrada” – mas, foi para a Revista da Semana que Sophia trazia para suas leitoras conteúdos temáticos que ratificam o interesse dela por pesquisas minuciosas sobre povos e culturas distintas, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Professor na Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ: Curso de Graduação em Artes Cênicas: Indumentária e Pós-Graduação em Design. Realizou Pós-Doutorado em Artes Visuais, entre 2013 e 2014. Áreas de interesse: Figurino, Artes; Carnaval, Moda. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7992901895916913>.

E é por meio da relação entre a moda criada por Sophia e os trajes regionais (ou típicos ou nacionais, como ela mesma traduziu) pesquisados em livros e durante as viagens que realizou pelo mundo que se torna objeto de discussão aqui.

### **Atuação profissional de Sophia Jobim**

Sophia Jobim teve atuação múltipla em diversos setores da arte, como: professora, figurinista, museóloga, correspondente para periódicos (jornais), mantendo o foco principal de seu interesse nos estudos de indumentária e moda, de acordo com outros de nossos escritos anteriores. No entanto, sua atuação mais marcante e que contempla todas as outras atividades parece ter sido mesmo a de pesquisadora: de arte e de trajes (cênicos, regionais, de moda, etc.). Basta ressaltar que Sophia criou, em sua própria residência, aquilo que ela intitulou de “Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades”, em 1960, onde reuniu peças de indumentárias de lugares distintos e longínquos, além de uma biblioteca extremamente rica sobre o tema.

É importante, ainda, ressaltar que grande parte de seu acervo, encontra-se no Museu Histórico Nacional – MHN – desde a morte de Sophia (em 1968), por um desejo da própria professora, no qual podemos realizar pesquisas sobre o assunto.

Sophia Jobim tinha a curiosidade como uma das marcas de sua personalidade, pelo que temos encontrado até então, pesquisando nos documentos do Arquivo Histórico (escritos, cópias de discursos, documentos pessoais).

Nos livros do acervo SM (Sophia Jobim), abrigados na Biblioteca do MHN, encontramos volumes de obras raras e enciclopédias que serviram de suporte para várias pesquisas da professora. Ao folhear alguns de seus livros, identificamos anotações, marcações, observações e até correções escritas a lápis, ressaltando o interesse por esse ou aquele assunto. Nossa pesquisa tem visitado concomitantemente o Arquivo Histórico e a Biblioteca do MHN, e temos encontrado correspondências entre essas anotações e marcações nos livros e nas obras raras com os escritos ou as traduções (manuscritos ou datilografados) referentes às pesquisas realizadas pela professora, nos dirigindo de volta aos livros que ela usava como referência em suas pesquisas.

Acrescente-se a isso o fato das inúmeras viagens que Sophia fez ao longo da vida, visitando museus e instituições artísticas e culturais, alimentando sua verve de pesquisadora: se matriculando em cursos, frequentando acervos ou mesmo comprando objetos e peças do vestuário e/ou representativas das culturas visitadas.

### **Correspondente (jornais)**

Até agora, em nossas pesquisas, descobrimos que Sophia tornou-se correspondente de três jornais de grande circulação no Rio de Janeiro: Diário Carioca, Revista da Semana (suplemento do “Jornal do Brasil”) e A Noite Ilustrada (suplemento do jornal “A Noite”).

Entre os anos de 1932 e 1935, ela manteve uma frenética colaboração com uma coluna no Diário Carioca, que começou timidamente como “Modelo do Dia” e logo passou a ocupar espaços significativos nas páginas daquele jornal, como a coluna “Elegâncias”, dando dicas de moda por meio de desenhos e sugestões de tecidos para as leitoras, além de manter correspondência respondendo questionamentos sobre tipo físico e modelos publicados anteriormente. É interessante alertar que foi também no ano de 1932 que um dos irmãos de Sophia, o jornalista Danton Jobim, assumiu a chefia da redação daquele periódico, possibilitando assim a colaboração dela junto ao jornal (OLIVEIRA, 2016, p. 3).

Concomitantemente à publicação da coluna Elegâncias, no jornal Diário Carioca, Sophia colaborava com outra coluna de moda, intitulada de “Modelos”, para o suplemento semanal A Noite Ilustrada, do jornal A Noite. Essa coluna foi publicada entre os anos de 1932 e 1935, com desenhos de modelos de roupas femininas exclusivas, acompanhados de modelagens e indicações para sua respectiva confecção, bem como mantinha correspondência com as leitoras.

Entre os anos de 1936 e 1938, com muita frequência, ela passou a contribuir com o periódico Revista da Semana, por meio da coluna intitulada de “Arte e Técnica”, na qual ela propunha criações exclusivas e também mantinha correspondência com as leitoras daquele periódico. Mas, dessa vez, os desenhos de Sophia (muitos deles em frente e costas) giravam em torno de temáticas específicas, o que diferenciava essa coluna das demais. Os desenhos eram quase sempre acompanhados de modelagens, além das

explicações para sua confecção. Com menos frequência nas publicações, mas dando sequência à essa colaboração, localizamos a mesma coluna publicada esporadicamente, nos anos de 1939, 1940, 1941 e 1942, nesse mesmo jornal.

É importante ressaltar que nos três veículos de comunicação, Sophia mantinha anúncios de sua escola de corte e costura, Liceu Império. Esse curso tinha como característica ser teórico-prático no ensino de arte e do ofício de corte e costura. A localização da instituição de ensino era no centro do Rio de Janeiro (Rua Ramalho Ortigão, no. 9) e foi dirigido por Sophia Jobim entre os anos de 1932 e 1954. Ademais, ao final das colunas, num espaço destinado às correspondências, ela solicitava às leitoras que enviassem suas cartas com dúvidas e comentários para o Liceu Império, que muitas vezes justificava não poder responder a todas, “por absoluta falta de tempo”. Assim, acreditamos que essa ação se prestava também à divulgação da escola, pois colaborando para as referidas colunas, ela tinha penetração em veículos de comunicação diretamente com as leitoras dos jornais, potenciais alunas do seu Liceu.

### **A Revista da Semana**

Realizamos um recorte metodológico para essa apresentação, por conta do tempo e do espaço disponíveis. Para tanto, o foco principal será o periódico Revista da Semana, com a coluna Arte e Técnica, pois consideramos essa a mais elaborada das três colunas, tendo em vista que as criações de Sophia vinham acompanhadas de indicações técnicas (modelagens – quase sempre – e dicas sobre os tecidos mais apropriados), além de essa coluna apresentar, em sua maioria, temas oriundos das pesquisas da professora.

A coluna Arte e Técnica tinha a intenção de associar temas artísticos e culturais com informações técnicas, como pressuposto defendido por Sophia Jobim para desenvolver a atividade de modista (termo bem apropriado para a época, com relação à criação/confecção de modelos femininos). Aliás, essa também era a força motriz do Liceu Império, sempre ressaltando a estreita relação entre teoria e prática, a partir de uma metodologia de ensino própria, na qual repassava seus conhecimentos para suas alunas.

Assim, na Revista da Semana, ed. 21, de 02-05-1936, p. 39, Sophia Jobim foi apresentada às leitoras por meio de uma publicação especial para informar que a partir da semana seguinte, a coluna Arte e Técnica seria

publicada com modelos exclusivos. Essa explicação foi dada na coluna “Jornal das Famílias”, relatando uma visita feita ao Liceu Império. Na ocasião, a professora proferiu uma aula especial para a publicação jornalística, claramente servindo de chamariz para futuras alunas, uma vez que a matéria explicava a dinâmica daquela escola profissionalizante feminina, considerada uma ação feminista para a época, descrita assim: “Feminista de ideias avançadas, sem os desequilíbrios da mulher masculinizada, vem ela construindo uma obra patriótica, de ponderável valor social”. E é a própria Sophia quem defende suas escolhas e posicionamento frente à sociedade, com a seguinte passagem:

“Escolhi para meu principal campo de ação a costura, porque, falando esta de perto à vaidade, atrai a mulher prática e lhe põe diante dos olhos o horizonte de novas reivindicações. Esta disciplina desperta o gosto pelo trabalho e, portanto, desenvolve as faculdades intelectuais mediante um treino constante de raciocínio e educa as tendências artísticas” (Revista da Semana, ed. 21, 02-05-1936, p. 39).

Pesquisando todos os números dessa publicação, encontramos vários modelos criados por Sophia Jobim com temáticas curiosas, que demonstram muito do interesse da professora pela pesquisa e pelo repasse do conhecimento, como foi escrito na primeira coluna publicada:

“Dedicando-me com especialidade ao estudo da indumentária sob seus múltiplos aspectos, penso poder aqui fazer uma colaboração *sui generis* sobre modas, dada a superioridade intelectual do ambiente em que se expande esta revista” (Revista da Semana, ed.22, 09-05-1936, p. 12).

Alguns temas identificados foram: a cor preta; o *tailleur*; o império dos casacos; impressões da mulher inglesa; impressões de Paris; impressões de Berlim e da mulher berlinense; coisas de Londres; a linha antiga (1890); a corte perfumada de Luiz XV; a moda tirolesa, entre tantos outros temas peculiares.

É importante ressaltar que Sophia Jobim, entre 1936 e 1938, seguiu o marido – Sr. Waldemar de Carvalho –, engenheiro e encarregado da missão longa no exterior de acompanhar e adquirir novos trens para a Central do Brasil, onde ele trabalhava. Durante esse tempo, o casal fixou residência em Manchester (Inglaterra), mas visitou outros países europeus, possibilitando que Sophia tivesse acesso ao conhecimento de novas culturas.

Selecionamos uma das primeiras publicações da coluna Arte e Técnica, na Revista da Semana, para identificar como era o processo de pesquisa e criação dos modelos de Sophia. O título dessa coluna específica foi “Moda Tyroleza”.

Coluna: Arte e Técnica – Moda “Tyroleza”

Figura 01 – “A moda Tyroleza”

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Revista da Semana, ed. 24, 23-05-1936, p. 14)



Elegemos especificamente essa edição pela particularidade do tema e pela maneira como Sophia levou os elementos da cultura de uma região especial da Europa – Tirol – para a moda cotidiana, desenhada em jornal de grande circulação como o suplemento semanal Revista da Semana, conforme mostra a Figura 01.

O cabeçalho da coluna chama a atenção pela mistura de informações, como: duas colunas gregas ladeando o título “ARTE E TECHNICA”, escrito em branco sobre fundo preto. Nas duas laterais externas, duas estátuas delimitavam a largura da página horizontalmente e pareciam descansar envoltas em tecidos pregueados sobre uma cercadura horizontal (na largura da coluna), apresentando sua autora assim: “por SOPHIA MAGNO DE CARVALHO, DIRECTORA DO LYCEU IMPERIO”. No meio desse cabeçalho ilustrado, havia o desenho de uma grande tesoura aberta com uma fita métrica passando pelos orifícios da tesoura, como síntese simbólica para o desenvolvimento do ofício de corte e costura. Notamos que a ideia de misturar a arte clássica nesse cabeçalho remete imediatamente à pessoa de Sophia, enquanto suas dicas e conselhos de moda ligam-na à existência de sua escola profissionalizante, o Liceu Império, como uma forma de divulgação daquele curso de corte e costura. Não só pelo título da coluna (Arte e Técnica), mas também pelos elementos artísticos (colunas e estátuas gregas) e técnicos (tesoura e fita métrica) constituintes do cabeçalho há uma referência direta àquele Liceu, dirigido pela profa. Sophia. Muito provavelmente o desenho do cabeçalho não foi feito pela profa. Sophia, porque há uma assinatura do lado direito da arte desse cabeçalho indicando “Alberto Lima”, em todas as edições.

Tanto nessa coluna inaugural quanto nas demais, havia uma estrutura gráfica e textual, além do cabeçalho graficamente ilustrado. Geralmente, a coluna era apresentada com um título, texto introdutório e explicativo sobre a temática daquela edição, desenhos de roupas e/ou acessórios inéditos e de tamanhos destacados, moldes (quase sempre), texto descritivo sobre suas criações, correspondências com leitoras (quando possível) e aviso sobre como se corresponder com a professora (através do endereço do Liceu Império). Finalizando essa estrutura, havia uma assinatura manuscrita de Sophia Magno de Carvalho.

Na Figura 01, Sophia apresentou seus desenhos somente vistos de frente e sem a sugestão de modelagens. Provavelmente, isso aconteceu em virtude dos desenhos ocuparem grande parte da página, inviabilizando a apresentação de suas respectivas modelagens, como é comum de observar em outras edições desse mesmo periódico. O desenho principal, que ocupa maior parte da coluna, era composto por uma mulher vestindo um conjunto de

casaco e saia, portando uma bolsa de mão, luvas, sapatos fechados e chapéu (em parte descrito no Modelo 1). Outros casacos “soltos” contornavam a figura da mulher (como variações do primeiro casaco, nos Modelos 2, 3 e 4), além de quatro outros pequenos desenhos localizados na parte inferior da ilustração: dois modelos diferentes de sapatos de salto alto; um sino e um machadinho (elementos simbólicos do povo de Tirol que serviriam para decorar os modelos). O conjunto de desenhos sugeria uma variação entre os casacos desenhados, compondo sempre conjuntos diversos, dentro do mesmo contexto.

Além dos desenhos descritos acima, ela fazia indicações sobre a utilização das cores e tecidos mais apropriados para a confecção dos modelos, como se segue:

“Modelo 1 – é um costume de Jersey amarelo, cor de mostarda, tendo a parte das costas da blusa, bem como as mangas, em Jersey côtelé da mesma cor. A frente, à maneira de um colete traspassado, é bordada, nos ombros, em lã angorá de várias cores. As luvas, bordadas no canhão, acompanham o mesmo estilo.

Modelo 2 – É uma jaqueta original, cujo o motivo, particularmente tirolês, é o coração. Deve ser executada em lã muito macia e preta, bordada a vermelho. O bolsinho recortado da própria fazenda, numa forma simbólica, acompanha a ingenuidade do motivo que inspirou os bordados da manga e da pala.

Modelo 3 – Interessante blusão cor de cereja fechado por pequenas setas de metal cromado.

Modelo 4 – é um colete de Jersey bege-laranja em aplicações multicores de lã; pode ser abotoado na frente por alguns sapatinhos rudes recortados em madeira” (Grifo nosso. Revista da Semana, ed. 24, 23-05-1936, p. 14).

A escolha de Sophia por essa moda era explicada pela seguinte passagem:

“Entre todas, porém, é a ‘moda tyroleza’ sem dúvida a que vem despertando maior interesse, pelo muito que tem de particular. Assim, desceu até à simplicidade bastante rudimentar de seus motivos o gosto civilizado dos figurinistas modernos.

E só por uma dessas leis psicológicas da oposição e do contraste é que se justifica a influência dos costumes primitivos da encantadora provincia da Áustria-Hungria no terreno pretencioso da elegância.

Tudo que lembre a arte simples daquela pitoresca região dos Alpes vem sendo acolhida no regaço complacente da Moda.

Assim os bordados multicores e aquela estamparia ingênua, representando prosaicamente animais domésticos – como boizinhos, cabrinhas, pássaros, etc – que agora se nos oferecem por imposição da moda, além de machados, cachimbos e outros utensílios são reflexos da vida daquela boa gente.

Evocam, por exemplo, as festas domingueiras do Tyrol, onde o carro de bois, ainda hoje, geme acompanhando uma aria, cujos grandes



intervalos tônicos obrigam a música a uma cadência típica, que só o tyrolez lhe sabe dar.

Um bom machado, por exemplo, é para o lenhador que nasceu naquela região um companheiro inseparável. Pois amaciam-se, simplesmente aos seus golpes rudes, as arestas rebeldes de um lenho duro, com extraordinária perfeição” (Grifo nosso. idem).

### As pesquisas de Sophia Jobim

É interessante acrescentar que Sophia deixou, após a morte, seu acervo muito grande em termos de escritos, documentos, fotos, desenhos e livros sob a guarda do MHN, no qual continuamos a realizar pesquisas. Em uma dessas idas ao museu, localizamos o tema da referida coluna (Tirol) em um material que apresentamos para complementar a informação de onde pode ter surgido tal ideia para essa criação temática.

No acervo SM (Sophia Jobim), no Arquivo Histórico do MHN, encontramos informações pesquisadas pela profa. Sophia sobre os trajes regionais (ou trajes típicos ou trajes nacionais da Europa) que reproduzimos algumas informações, a seguir:

“Entende-se por ‘traje regional’ aquele vestuário que se distingue do traje urbano comum por uma forma própria que pertence a uma determinada região, mais ou menos limitada, onde passou por uma evolução histórica que, às vezes, ainda perdura. [...] Além dos trajes dos camponeses e pescadores, podemos incluir nessa categoria o traje duma classe burguesa desaparecida, da qual praticamente apenas a cobertura da cabeça se baseia em formas tradicionais. [...] Os trajes regionais tiveram sua origem nas modas da cidade, retrocedendo até mais ou menos o ano de 1600, as quais foram transformadas em cada região de sua própria maneira, sob a influência da igreja (o que se usava nas cidades era pecaminoso) e duma inclinação de se distinguir dos outros (o alheio era ‘estranho’ e devia ser imediatamente reconhecível). [...] Os trajes regionais, embora sujeitos a tradições, não são estaticamente imutáveis. Tudo o que vive muda, e certamente algo tão estreitamente ligado à personalidade humana, como o vestuário. Quando um feitio de traje regional não se modifica mais, é que perdeu todo o contato com a vida e se extingue ou então se torna simplesmente em ‘traje de ocasião’. [...] As modificações se verificaram pela aplicação quer de outras medidas, quer de materiais diferentes em certos detalhes. O último pode suceder por influências internas (caprichos indefiníveis da moda) ou por influências externas (guerras, suspensão de determinados tecidos ou peças). [...] A influência do traje aldeão – Agora se interessam muito na Europa pelo traje aldeão, como sugestão das roupas modernas, que emanam de Paris. No esforço de produzir alguma coisa diferente, os desenhistas franceses e de fato todos os outros, visam-se para as ricas sugestões de corte, cor e decoração que os trajes tradicionais contem. Os ricos toucados da Rússia, as delicadas toucas da Normandia e da Bretanha fornece ideias para bailes e casamentos; as curtas jaquetas dos Balcãs para os modernos meios-tailleurs; os bordados e motivos da România, Bohemia, Itália e Suécia para a elaboração dos casacos e acessórios

para as mulheres e crianças; e o xale da Espanha (mantilha) representa um grande papel no moderno traje de noite” (Grifo nosso. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, Arquivo Histórico, Acervo SM: SMet11).

Cabe aqui chamar a atenção para a ratificação que Sophia faz, ao repetir em sua coluna (“Entre todas, porém, é a ‘moda tyroleza’ sem dúvida a que vem despertando maior interesse, pelo muito que tem de particular. Assim, desceu até à simplicidade bastante rudimentar de seus motivos o gosto civilizado dos figurinistas modernos”) o que também estava escrito em sua pesquisa no fragmento acima (“Agora se interessam muito na Europa pelo traje aldeão, como sugestão das roupas modernas, que emanam de Paris. No esforço de produzir alguma coisa diferente, os desenhistas franceses e de fato todos os outros, visam-se para as ricas sugestões de corte, cor e decoração que os trajes tradicionais contem”). Ela acabou levando literalmente para a sua coluna o mesmo argumento utilizado em seus manuscritos sobre os trajes regionais (SMet11).

O manuscrito SMet11, em forma de caderno, foi dividido em seis grupos, a saber: Grupo I – Influência espanhola (Espanha, Portugal, França, Itália, Suíça e Tyrol; Grupo II – Influência germânica (Alemanha, Holanda, Irlanda, Escócia, (país de) Gales, Dinamarca, Noruega, Suécia e Lapônia); Grupo III – Influência russa (Rússia, Polônia, Finlândia, Estônia, Geórgia, Hungria, Czechoslovakia, Albânia, Montenegro, Croácia, Bósnia, Servia, Grécia); Grupo IV – Influência mulçumana do Norte da África e Ásia (Marrocos, Egito, Arábia, Palestina, Síria, Turquia, Pérsia, Turquestão, Afeganistão); Grupo V – Extremo Oriente (Índia, Sião, Jova, Ceylão, Burma, Cambodja, Annam, China, Mongólia, Korea, Ilha de Yeso, Philippinas, Hawaii); Grupos VI – Mundo Ocidental, Norte e Sul América (Esquimós, índios norte-americanos, mexicanos, Sul América: Peru, Chile, Argentina, Bolívia, Equador).

Transcrevemos a parte que nos interessa nessa comunicação – Grupo I – e mais especificamente sobre a região do Tirol, porque:

“O traje masculino nas vizinhanças de Tirol é caracterizado por uma camisa branca com uma gola virada confortável e uma gravata vistosa; um colete de lã berrante; um casaco marrom ou cinza, na altura dos quadris. Calções justos de couro que em geral cobrem o joelho e meia branca. [...] Em festivas ocasiões estes suspensórios são acompanhados de cintos bordados. [...] O traje feminino – grandes aventais, muitas anáguas. Saias de cima extremamente largas que param várias polegadas acima do tornozelo; vistosas e

pesadas meias são características do traje feminino em todas as partes do Tyrol, enquanto os chapéus, terminação dos decotes e corpetes, parecem diferir consideravelmente de acordo com cada lugar, de cidade em cidade, de vale em vale. [...] um lenço de seda colorido é colocado em volta do pescoço e cruzado na frente; suas extremidades são amarradas ou escondidas dentro da extremidade superior do corpete. [...] Uma outra forma de corpete, particularmente apreciada em Zillerthal e Innthall, é cortado baixo e quadrado na frente e bastante largo nos ombros, é abotoado até em baixo no centro da frente, para ajustar bem, cintura redonda e tem largas mangas que são soltas e cheias até abaixo dos cotovelos e justas daí até o pulso. [...] Como todos os países de trajes camponeses, o Tyrol tem a sua porção de variedade na cobertura da cabeça, verde ou preto, feito de feltro, do que os chapéus são feitos (Grifo nosso. Idem)".

Essa descrição acima pode ser percebida na Figura 02, na qual selecionamos algumas imagens de trajes regionais da Europa, nas vizinhanças de Tirol:

Figura 02: a) Traje feminino e b) traje masculino (Tirol)  
Fonte: a) ANAWALT, Patricia Rieff e b) LEVENTON, Melissa (org.)



As duas imagens acima (Figura 02) conseguem sintetizar muito do que foi pesquisado por Sophia, mesmo sendo oriundos de livros diversos. Enquanto o traje feminino foi tirado do livro “A história mundial da roupa”, o traje masculino foi pesquisado no livro “História ilustrada do vestuário”. Nas imagens selecionadas acima chamamos a atenção para alguns dos elementos descritos

nas pesquisas de Sophia, como: a) chapéu de feltro com pena; lenço estampado nos ombros; corpete ajustado ao corpo com prendedores de metal, saias largas e aventais compridos; uso de meias, no traje feminino; b) chapéu de feltro; casaco com abertura frontal; bordados na faixa na cintura (e provavelmente nos suspensórios); calções curtos, no traje masculino.

Além das imagens na Figura 02, acrescentamos outras demonstradas na Figura 03 por conta de alguns detalhes do modo de viver das pessoas da região do Tirol, como: a) vida simples, em contato com a natureza e animais; b) uso de chapéu de feltro e hábito do cachimbo; c) broches-prendedores nos corpetes femininos, e d) decoração de motivos de metal aplicados nos suspensórios masculinos.

Figura 03: a) vida simples; b) cachimbo e chapéu de feltro; c) prendedores; d) aplicações de metal  
Fonte: WITZIG, Louise



Essas fotos foram pinçadas do livro “Les costumes suisses”, de Louise Witzig, uma das obras do acervo SM (Sophia Jobim) que se encontra na

Biblioteca do MHN, o que reforça ainda mais a nossa hipótese de como a professora se interessava pela história dos trajes regionais, levando em consideração o contexto da sociedade e dos costumes de seus habitantes. Seja pela localização geográfica (camponeses e montanhas) e contato com os animais (cabrinhas); seja pelo costume do cachimbo, por exemplo; ou pelos broches e aplicações de metal que serviam de prendedores e enfeites dos corpetes femininos e nos suspensórios dos trajes masculinos, as fotos ilustram bem uma parte do que foi percebido e escrito por Sophia, ao se referir aos trajes do povo de Tirol.

Mas, o mais surpreendente ainda foi encontrar na Biblioteca do MHN outro livro do acervo de Sophia – “Costume throughout the ages”, de Mary Evans, publicado em 1938 (mesmo período em que Sophia morou na Inglaterra) –, em que notamos uma correspondência direta com os manuscritos SMet11. O livro faz um apanhado geral sobre a História da Humanidade, focando na história do vestuário e costumes de cada período histórico (Egito, Grécia, Roma, Idade Média, Renascimento, Século XVII, as cortes de Luiz XV e XVI, Século XIX e o primeiro quarto do século XX), na primeira parte. No entanto, a autora se dedica a explorar os trajes nacionais da Europa, dividindo em grupos (de I a VI). No primeiro Grupo dessa segunda parte do livro, encontramos a região de Tirol. Esse fato nos fez retornar ao Arquivo Histórico para confrontar com os cadernos manuscritos que encontramos antes por lá e identificamos se tartar do mesmo material. Ou seja, Sophia havia realizado uma tradução do referido livro e guardara esse tema, entre tantos outros assuntos pesquisados.

Mas dessa vez foi diferente porque ela fez disso um motivo inspiracional para a criação de uma moda específica que foi tema principal de sua coluna semanal.

Ao propor a “Moda Tyroleza”, nas páginas do periódico Revista da Semana, Sophia chamava atenção para uma criação carregada dos simbolismos de uma cultura distante da de suas leitoras. No entanto, ela, no mínimo, despertou o interesse de algumas delas para esse povoado tão distante das terras cariocas.

Muito embora, tenhamos consciência que a “Moda Tyroleza” apresentada às leitoras do jornal carioca tenha mais correspondência com a

moda daquela década (anos 1930) do que com os trajes regionais, uma vez que: a) a silhueta era longelínia, em conjunto de casaco e saia (longa, abaixo dos joelhos); b) uso de bolsas de mão, chapéus e luvas. Assim, Sophia respeitou as características da moda feminina, na década de 1930, mas apresentou um diferencial para sua criação, colocando elementos inusitados de uma cultura distante nessa publicação.

O Modelo 1, desenhado por Sophia, era bastante traspassado com abotoamento frontal, em duas carreiras de botões e essa forma lembra o colete descrito no livro de Mary Evans (e traduzido no caderno de Sophia – Smet11), como “abotoado até em baixo no centro da frente”. Ademais, os trajes eram descritos possuindo bordados, recurso interpretado por Sophia no casaco e nas luvas. O Modelo 2 foi descrito pela professora como uma “jaqueta original” e tem como motivo principal de decoração o coração que ela explicou como “forma simbólica” que representava “a ingenuidade que inspirou os bordados” em aplicações adaptadas “nas mangas e pala”. O Modelo 3 também repetiu a forma simbólica do coração (como no modelo anterior), mas os elementos decorativos que chamavam a atenção são as “setas de metal cromado” que serviam como abotoamento frontal, além da mesma forma estar presente também nos dois bolsos horizontais, na frente do casaco. O Modelo 4 foi descrito por Sophia como “colete de Jersey” e tinha “aplicações multicores de lã” (imitando bordados) e era abotoado frontal e verticalmente “de cima a baixo” com botões em forma de “sapatinhos rudes recortados em madeira”. Ainda complementando o texto, Sophia sugeriu que os motivos dos botões podiam ser feitos com “pequenos sinos de prata dourada” (por isso ela desenhou o sino abaixo das criações). Para as clientes mais abastadas, ela ainda sugeriu a substituição de alguns motivos por “machadinhos, cujos cabos, de madeira laqueada, faziam realçar o fino metal cromado das lâminas” (por isso desenhou também pequenos machados que complementam a coluna), indicando o tecido preto como material mais apropriado. Sophia ainda simulou como tema de bordado, para evocar a moda tirolesa, o “longo cachimbo tyrolez, de cabo recurvado, fingindo-se para isso, em linha de seda vistosa”. Além desses motivos metálicos propostos por Sophia, imitando os elementos da cultura do povo de Tirol, encontramos correspondência com os prendedores dos corpetes

femininos (apresentados na Figura 03), com as devidas distâncias entre as duas situações (traje regional e moda cotidiana).

Sophia adverte que “a moda tyroleza é para nós, apenas uma sugestão” e que não fazia apologia à importação direta, sob o risco de tornar o modelo “ridículo”. Ela finalizou a descrição da coluna “Moda Tyroleza” alertando que:

“Os costumes despretenciosos do Tyrol poderão refletir-se em certos detalhes de nossa indumentária, desde que sejam eles cuidadosamente adaptados; emprestando-lhes até, com seu prosaísmo pitoresco, uma grande originalidade artística”.

### Considerações finais

É interessante entender como funcionava o processo de criação de Sophia Jobim, no desenvolvimento de modelos exclusivos em suas colaborações para os jornais que mantinha compromisso.

Pelo exemplo exposto nessa comunicação, percebemos que a pesquisa sobre a indumentária esteve presente, mesmo quando ela ainda não tinha se tornado professora de Indumentária na Escola de Belas Artes, onde foi fundadora de tal matéria, somente em 1949. É bem verdade que ela começou a dirigir sua escola profissionalizante – o Liceu Império – e fez importantes viagens pelo mundo nos anos 1930, atividades em que a pesquisa já parecia ser um dos principais interesses dela.

Outro exemplo, de uma ação parecida com essa apresentada aqui, aconteceu quando exploramos dois desenhos carnavalescos criados por Sophia Jobim, para a coluna Elegâncias, nos anos de 1934 e 1935, conforme publicado nos anais do 99º. Colóquio de Moda, disponível em [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda\\_2016/GT/GT11-TRAJE-DE-CENA/GT-11-AS-CRIACOES-CARNAVALESCAS-DE-SOPHIA-JOBIM.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda_2016/GT/GT11-TRAJE-DE-CENA/GT-11-AS-CRIACOES-CARNAVALESCAS-DE-SOPHIA-JOBIM.pdf)<sup>2</sup>. Nessa ocasião, ela propôs a criação de figurinos carnavalescos, inspirados na indumentária do povo cossaco. Observamos que naquela ocasião, assim como agora, ela manteve uma pesquisa preliminar sobre a indumentária de uma cultura específica (os cossacos), transpondo os elementos mais marcantes daquele povo para as duas criações carnavalescas.

---

<sup>2</sup> Anais do 12º. Colóquio de Moda – GT Traje de Cena – João Pessoa-PB.

Entendemos que Sophia, ao criar esses modelos para as leitoras dos jornais elencados, transportava para eles parte do que permeava sua mente, suas pesquisas, os locais por onde viajava, as culturas que descobria. Inclusive, essa é uma maneira de repassar conhecimento, atitude bem comum aos professores dedicados à profissão, como era o caso de Sophia Jobim.

Destacamos, ainda, que essa metodologia de criação é uma das formas de desenvolver trajes para as artes cênicas (teatro, cinema, televisão, carnaval, etc.), em que as muitas referências (históricas, de localidade, simbólicas, etc.) informam dados de sua origem, permitindo assim o bom entendimento nas escolhas de cada criação.

### Referências Bibliográficas

ANAWALT, Patricia Rieff. **A história mundial da roupa**. Tradução: Anthony Cleaver e Julie Malzoni. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

EVANS, Mary. **Costume throughout the ages**. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1938.

LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário**: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth. Tradução: Lívia Almedary. São Paulo: Publifolha, 2009.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Arquivo Histórico. Acervo SM: SMet11.

REVISTA DA SEMANA, **Arte e Técnica**, ed. 21, 02-05-1936, p. 39. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 24 jun. 1936.

\_\_\_\_\_. ed. 22, 09-05-1936, p. 12. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 24 jun. 1936.

\_\_\_\_\_. ed. 24, 23-05-1936, p. 14. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 24 jun. 1936

OLIVEIRA, Madson. **As criações carnavalescas de Sophia Jobim**. 12º. Colóquio de Moda. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda\\_2016/GT/GT11-TRAJE-DE-CENA/GT-11-AS-CRIACOES-CARNAVALESCAS-DE-SOPHIA-JOBIM.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/12-Coloquio-de-Moda_2016/GT/GT11-TRAJE-DE-CENA/GT-11-AS-CRIACOES-CARNAVALESCAS-DE-SOPHIA-JOBIM.pdf). Acesso em: 24 jun. 2017.

WITZIG, Louise. **Les costumes suisses**. Zurich: Fédération National des Costumes Suisses, 1954.